

reflexões



O tempo do processo

por Helena Piombini Pimentel

Começo a escrever esse texto quatro meses depois do que ele foi pensado... O tempo do processo, a meu ver, consiste no resultado de coisas que se somam ao longo do tempo. Para que você chegue a um certo ponto, lugar.. a uma questão, foi necessário percorrer um caminho.

Às vezes a gente sabe onde quer chegar e busca trilhar alguma direção que possa nos orientar o que fazer. Às vezes, vamos seguindo o caminho possível e quando chegamos em certos lugares, alcançamos certos anseios, é quando nos damos conta que só foi possível estar ali devido às escolhas feitas, nem sempre tão claras.

Penso que o tempo do processo consiste nisso. Pequenos retalhos de coisas, ações que se somam ao longo de nossa história, de nossa vida, que nos constituem enquanto pessoas em toda sua complexidade. O tempo de um processo é algo que pode ser previsto, mas nem sempre concreto, palpável, mensurável.

Quanto vale o tempo? O tempo para mim de cinco minutos é consideravelmente maior do que para minha filha, que ainda está aprendendo sobre o tempo do relógio. Salvo quando são cinco minutos no parquinho/de continuar brincado – esse tempo é quase próximo de um segundo. Como pensar, prever e calcular o tempo?

Penso como o tempo do processo a escolha que fiz em cursar o mestrado sendo mãe de uma criança na primeira infância, trabalhadora no judiciário. Há uma escolha em cursar o mestrado, há também o custo em bancar essa escolha com uma criança pequena e dependente de atenção, carinho, cuidado, afeto.. o tempo dela é mais urgente, mais acelerado, com muito mais mudança em pouquíssimo tempo. Às vezes, um dia parece ter durado um mês. Poderia iniciar pelo fim, pelo momento em que escrevo esse texto. Mas falarei do início, daqui deste ponto, sobre a escolha em falar do tempo.

O primeiro texto para os estudos autônomos foi “Tempo”, do Carlos Pereira (2023). Levei o fim de semana para ler. E foi um fim de semana difícil, havia acabado de retornar da minha primeira viagem para apresentar um trabalho desde o nascimento da minha filha. E, na véspera do meu retorno, ela adoeceu. Quando retornei, foi ida à emergência, cuidado enquanto tentava conciliar os estudos.

Ali percebi que se tratava do processo. O tempo para cada etapa da minha formação seria processual, intercalada com a maternidade, trabalho... Na tentativa de equilibrar muitos pratos ao mesmo tempo. A maternidade (e o tempo dela) me mudou. “Não somos mais os mesmos depois do que vivemos hoje” (Pereira, 2023, p.39).

Entre não ser mais a mesma de antes do que foi vivido, há coisas que são necessárias buscar de volta, na tentativa de reencontrar partes que ficaram para trás, em suspenso, perdidas e indefinidas num certo tempo. E também foi preciso compreender que o tempo não é mais, tão somente, o tempo do querer. Por vezes é o tempo do possível, do quando dá, do pra ontem, do pra já.

Passei a registrar, para uma memória própria, momentos em que eu estava estudando e ela se achegava, buscava se aninhar nos meus braços, no meu colo, em querer fazer parte desse novo processo, desse novo tempo. Porque o tempo começa de novo, num novo ciclo. Assim, passei a perceber, também, que enquanto estava me formando, parte dessa formação também ia para ela. Seja através das exposições em que se pautam questões étnico raciais, seja a brincadeira de roda, seja quando estamos podando e regando nossas plantas, ou quando estamos cantando Oreru (de Tonolec) – gentilmente apresentado na disciplina de Pedagogia da Ancestralidade. Ao longo desse período, fui escrevendo fragmentos de como estava vendo o tempo, como o estava vivendo ou como esperava que pudesse fazê-lo. Porque o tempo urge, não é mesmo? Ou não?

“[...] eu sei que em outros momentos da vida, sendo eu essa mesma pessoa, não foi possível determinar que “nesse domingo eu não vou fazer nada de trabalho”, ou que “nessa noite ao chegar em casa, em vez de continuar trabalhando, eu vou fazer minha comida, lavar minha roupa, ouvir uma música e relaxar”, ou mesmo “quero produzir num ritmo mais compatível com meu tempo”. E é sobre essa impossibilidade de gerir o tempo que devemos falar, pois ela pesa mais pra uns do que pra outros nas cidades e isso está sim relacionado com a noção de tempo, de espaço, com os processos de determinação da vida (e os eixos de opressão associados, inclusive o racismo) e com o modo de vida capitalista das cidades.” (Pereira, 2023, p.33).

Lembro-me de ouvir em uma das aulas “o tempo no terreiro é diferente”. Não é o tempo do relógio, aquele cronometrado. Isso me remeteu quando eu estava em Altamira, no Pará, trabalhando com um grupo de pessoas da sociedade civil impactada pela construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Lá, o tempo, às vezes, era antes ou depois da chuva. E sobre a usina, para alguns, um legado, para outros uma obra que inundou territórios, fauna e flora, que modificou a organização de vida da população local.

Enquanto escrevo, anos depois de ter conhecido aquela grande Hidrelétrica, fiz uma rápida pesquisa e achei uma notícia “Com seca severa no rio Xingu, usina de Belo Monte opera com 2 das 18 turbinas no PA”. É, o tempo urge.

Tuíre Kayapó, liderança indígena do Xingu, faleceu esse ano, 2024. Contrária a construção de Belo Monte, ficou mundialmente conhecida durante o Encontro das Nações Indígenas do Xingu de 1989, quando pressionou um facão no rosto do então presidente da Eletronorte. O tempo separa nossas histórias, mas nos aproximou.

Voltando, a elaboração desse texto levou tempo para se tornar concreto, reflexivo junto com o tempo que as coisas acontecem. Entre uma pausa. Uma tarefa doméstica. Uma intervenção. E fico com a certeza de como o tempo é preciso. Ele dá o tom.

Encerro aqui com uma das músicas que mais gosto sobre a possibilidade de seguir num outro tempo. Para esse texto de tempo, relembro a canção de Almir Sater e Renato Teixeira, **Tocando Em Frente**

*Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco sei
Ou nada sei
Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs
É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir
Penso que cumprir a vida
Seja simplesmente
Compreender a marcha
E ir tocando em frente*

*Como um velho boiadeiro
Levando a boiada
Eu vou tocando os dias
Pela longa estrada, eu vou
Estrada eu sou
[...]
Todo mundo ama um dia
Todo mundo chora
Um dia a gente chega
E no outro vai embora
Cada um de nós compõe a sua história
E cada ser em si carrega o dom de ser capaz
De ser feliz
[...]
Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais
Cada um de nós compõe a sua história
E cada ser em si carrega o dom de ser capaz
E ser feliz*

Espero que consigamos andar mais devagar e ser feliz

Referência

Pereira, Carlos. Tempo. In: Coletiva Pyndorama, 2023. Disponível em: https://www.coletyvapyndorama.com/_files/ugd/25d257_2359360064a14134b71d1b76550f528d.pdf. Acesso em: 30/08/2024.



Acolhimento de Oxum
Fotografia por Monica Roberta Granato Ramos, 2024